

**“E QUANDO O HOMEM É AGREDIDO PELA MULHER, O QUÊ QUE FAZ?”:
DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UMA ESCOLA
PÚBLICA NA AMAZÔNIA.**

***Eixo Temático 10 – Diálogos sobre a Violência contra as mulheres:
Educação, Políticas Públicas, Proteção e Enfrentamento.***

Larissa da Conceição Barradas ¹
Rubia Suzane Antunes dos Santos ²
Lana Claudia Macedo da Silva- Orientadora ³

RESUMO

O presente relato de experiência objetiva apresentar as percepções de estudantes de uma escola pública a respeito da violência contra a mulher. A metodologia foi baseada: 1) Exibição e debate de filme sobre a temática; 2) Promoção de dinâmica através da questão motivadora: “De acordo com a letra que você tirar, diga uma palavra ou frase associada à mulher ou ao homem”; 3) Reprodução de música que retrata a desigualdade de gênero, provocando inquietações e reflexões sobre a naturalização dos papéis sociais masculinos e femininos. Considera-se que a ação alcançou seu objetivo principal, além de oportunizar a construção de pontes de saberes entre a Universidade e Comunidade e promover o debate sobre empoderamento feminino na perspectiva da construção de uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Educação, Extensão, Amazônia.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência objetiva apresentar as percepções de estudantes sobre a violência contra a mulher em uma escola pública no município de Ananindeua, Pará. O estudo foi desenvolvido através de uma ação extensionista acompanhada por uma professora, orientadora e ministrante da ação, e por duas acadêmicas e bolsistas, a convite da pedagoga da escola, responsável pela biblioteca, e motivada pelo Dia Internacional da

¹ Assistente Social. Graduanda pelo curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: larissabarradas83@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: rubia.santos@aluno.uepa.br ;

³ Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: lanacmacedos@gmail.com.

Mulher, celebrado, anualmente, na data de 8 de março. A equipe em questão desenvolve uma pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com mulheres ribeirinhas sobre os desafios da COVID-19 em uma ilha que integra a capital paraense. O projeto em tela encontra-se alinhado aos três pilares da universidade (ensino, pesquisa e extensão) e possui estreita relação com projetos anteriores.

A igualdade de gênero está presente nos discursos oficiais desde 1984, ano em que foi ratificada a Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU). Contudo, sua concretização ainda hoje permanece sendo um desafio em âmbito educacional, visto que as práticas escolares continuam reproduzindo a cultura androcêntrica, sexista, heteronormativa⁴ e transfóbica, isto é, as relações de gênero e sexualidade permanecem invisíveis no currículo e prática pedagógica (CARVALHO et al., 2017).

De acordo com Bassalo (2010), a produção de conhecimento sobre o tema é incipiente e pouco difundida, uma vez que a escola, enquanto instituição do Estado, reproduz os interesses, ideologias e valores das esferas de poder. Por outro lado, essa mesma escola “é o lugar da produção de sentidos, de reflexão, de crítica às normas sociais instituídas e de elaboração de práticas e modos de ser, de formulação de discursos sobre algo” (BASSALO, 2010, p. 145).

Nesse sentido, esse relato de experiência cumpre uma diretriz do tripé universitário, ao mesmo tempo em que promove a reflexão, conscientização e prevenção à violência contra a mulher, de modo a contribuir para a promoção da emancipação, empoderamento e cidadania dos sujeitos envolvidos no projeto.

METODOLOGIA

O objetivo da atividade foi proporcionar um espaço educativo em que os/as estudantes do 9º ano da Escola Municipal Parque Bolonha, localizada em Ananindeua-Pará, pudessem refletir sobre o tema da violência contra a mulher no espaço escolar e em suas relações cotidianas. Para desenvolver essa atividade, contamos com algumas

⁴ Heteronormatividade refere-se ao conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos que definem e impõem a heterossexualidade como a única forma natural e legítima de expressão identitária e sexual (CARVALHO et al, 2017, p. 13).

técnicas interventivas por meio de vídeo, música e atividade lúdica com a intenção de proporcionar a participação dos/as adolescentes, pois acreditamos que a educação é um espaço amplo e dinâmico capaz de favorecer o desenvolvimento pessoal e social enquanto sujeito.

Como estratégia para a realização da atividade, construímos um roteiro a partir do tema (violência contra a mulher) e do público de 30 estudantes do 9º ano, fundamentado no método dialético, pois acreditamos que a dialética “valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens” (CHIZZOTTI, 1979, p. 80).

As intervenções foram divididas em três etapas. A primeira foi referente à apresentação de um vídeo educativo chamado “Projeto Ohana: Combate à violência doméstica e alienação parental” para introduzir o tema aos estudantes. O vídeo foi desenvolvido pelo Ministério Público do Estado do Maranhão e aborda sobre o tema da violência doméstica e alienação parental, tendo 9 minutos e 37 segundos de duração. No vídeo podemos compreender tais temas de forma objetiva e clara, além do conteúdo ser acessível para todas as idades.

A segunda etapa refere-se a uma dinâmica de grupo para fixação do tema de forma lúdica. Para tanto, levamos algumas cartolinas, canetas piloto e o alfabeto feito de papel cartão. Nas cartolinas escrevemos “HOMEM”, de um lado, e “MULHER”, no outro, e pedimos que os estudantes tirassem uma letra do alfabeto que estava em um estojo e, a partir disso, fizemos a seguinte questão motivadora: “De acordo com a letra que você tirar, diga uma palavra ou frase associada à mulher ou ao homem”.

E, na terceira etapa, para finalizar a ação educativa, reproduzimos a música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty, que retrata a desigualdade existente entre homens e mulheres, mas desperta para a luta feminista, para deixarmos de ser “o outro” e ser “um também”. Desenvolvemos um breve debate baseado na música e concluímos a atividade com algumas provocações e reflexões aos/às estudantes, especialmente no sentido de cobrarem mais debates como estes para a escola e de levarem tais discussões para a família, aos/às amigos/as, à igreja e a outros espaços sociais que transitem.

REFERENCIAL TEORICO

O debate sobre a violência contra a mulher é um campo abrangente e não pode ser isolado, muito menos banalizado pelas “premissas” do senso comum. Compreender a violência contra a mulher como uma questão de “gênero” amplia as possibilidades de intervenção, conscientização, prevenção e combate contra essa desigualdade de gênero que inferioriza a mulher e fere o seu direito à dignidade.

A percepção de “gênero” enquanto uma categoria útil de análise é importante para compreender as relações sociais entre os sexos, de modo a trazer à baila a reflexão acerca da ideia dos papéis sociais imutáveis, coadunando com a mentalidade cartesiana que fragmenta corpo e alma, razão e sensibilidade, homem e mulher.

Para Scott (1978), a categoria “gênero” rompe com o determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Logo, as diferenças sociais entre homens e mulheres estão imersas na construção histórica e cultural, independente do caráter biológico, mas de identidades atribuídas culturalmente na sociedade, nos papéis sociais. Para a autora, a maneira como as sociedades representam o gênero utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Pois, sem o sentido não há experiência, sem o processo de significação não há sentido.

Louro (2000) enfatiza que as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. A sociedade e o seu poder simbólico influenciam, direta ou indiretamente, na construção dos papéis sociais, em outras palavras, no “tornar-se homem” ou “tornar-se mulher”. Tais influências não consideram que as mulheres não nascem mulheres, se tornam mulheres.

Embora não haja a pretensão de esgotamento do tema, contudo, o estudo traz à baila um tema excluído do currículo das escolas e universidades, apesar de atingir um número significativo de meninas e mulheres violentadas. Assim, o tema em tela aborda uma questão complexa, pois apresenta diferentes fisionomias e dimensões, havendo uma necessidade constante de ampliar seus debates, enfocando, por exemplo, em outras instâncias de análises, como as escolas, que constituem em importantes mecanismos institucionais de reflexão e produção de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse roteiro embasou as intervenções durante a atividade e ocorreu da seguinte maneira: primeiramente, foi realizada a apresentação da professora orientadora e das bolsistas aos/as estudantes. A apresentação inicial facilitou a aproximação com os/as adolescentes, chamando sua atenção para a equipe. Em seguida, iniciou-se a primeira etapa (ideias de sinônimos: motivação, intervenção e ferramenta questionadora).

Após a realização da primeira etapa da intervenção, foi iniciado o debate no sentido de instigar os/as adolescentes. Uma das professoras da escola que estava presente na atividade relatou um caso de violência doméstica mostrado no jornal televisivo local, em que uma mulher, fingindo que estava pedindo açaí (uma fruta muito consumida pelos/as paraenses), ligou para o 190 (Polícia Militar) solicitando ajuda, pois estava sofrendo violência. Esse caso comentado pela professora abriu caminhos para um debate.

Depois disso, foi perguntado aos/as estudantes sobre seus entendimentos acerca do vídeo e dos tipos de violência identificados, na intenção de “quebrar o gelo” e, aos poucos, deixando-os confortáveis para exporem suas intervenções. Eles/as, dispostos em cinco mesas redondas grandes, mostraram-se interessados/as em responder e conseguiram facilmente identificar os cinco tipos de violência contra a mulher, inclusive citando exemplos do cotidiano.

É interessante ressaltar a fala de uma das estudantes quando ela diz que a violência contra mulher “todo mundo vê, mas ninguém faz nada, porque é aquele famoso ditado que as pessoas arrogantes usam: ‘que em briga de marido e mulher ninguém tem que meter a colher’. E isso não existe” (Estudante do 9º ano da Escola Municipal Parque Bolonha, 2022).

A partir desses relatos, a professora orientadora inicia sua fala apresentando dados de violência contra a mulher e exemplos cotidianos para mostrar que, apesar de todas as conquistas feministas no marco legal, esse tipo de violência ainda é recorrente, ressaltando que o espaço da escola é importantíssimo para trazer esses debates.

Ao serem indagados sobre um dado do mapa da violência de 2015, que aponta o Brasil como o 5º (quinto) país que mais mata mulheres em um grupo de 83 nações do mundo, os/as estudantes revelaram desconhecimento dessa informação. No entanto, sobre a LMP, eles/as pontuaram saber, ainda que resumidamente, do que se trata.

Em outro momento da dinâmica, a professora orientadora questionou se alguém na sala, em algum momento de sua vida, presenciou ou soube de alguma situação de

violência contra mulher envolvendo mulheres próximas ao seu convívio, tais como: mulheres da família, da vizinhança ou conhecidas. Notamos que, aproximadamente, 1/3 (um terço) dos presentes levantaram as mãos, o que ratifica a informação de que estamos diante de uma situação corriqueira na sociedade, isto é, a violência contra a mulher é naturalizada e transmitida como algo “comum”, perpassada de geração em geração, sem questionamentos, indicando uma necessidade de se discutir a temática a partir de uma ótica educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temas como gêneros, sexualidades, violência contra a mulher, feminismos, entre outros, ainda são campos espinhosos quando se trata de abordá-los com crianças e adolescentes. É inadmissível, no início do século XXI, depois do avanço da informação e tantas conquistas legais, ainda presenciarmos a resistência em debater gênero, violência e sexualidade nas escolas. No entanto, estamos cientes de que essa onda de retrocesso vivido nos últimos anos, acompanhada de discursos conservadores e moralistas, é responsável por negligenciar os debates dos temas citados anteriormente.

Ao questionarmos quem já presenciou atos de violência contra a mulher, a maioria levantou a mão, e quando perguntamos para as meninas quais delas já sofreram violência, a maioria, também, levantou a mão. Todavia, percebemos que algumas, principalmente as que não se manifestaram, já sofreram algum tipo de violência, mas não se deram conta disso, pois ainda persiste a crença de que a violência se resume em agressão física, ponto que foi bastante debatido para que os/as adolescentes pudessem refletir e começar a desconstruir tal concepção.

Não obstante, as desigualdades e práticas de violência entre os gêneros são processos sociais, produtos da socialização desiguais entre os mesmos. Assim, a Educação não pode se eximir do debate sobre violência contra a mulher, esse fenômeno perverso que possui raízes históricas e complexas, naturalizadas cotidianamente pela cultura do patriarcado. Fomentar o debate sobre o papel da educação diante da questão da violência contra a mulher é emergente e a educação possui papel fundamental na discussão, enfrentamento, conscientização e prevenção à violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Relações de gênero e o papel da escola. In: Stevens, Cristina; TAROUQUELLA, Katia Cristina; CAMPOS, Tânia Mara; ZANELLO, Valeska (orgs). Gênero e Feminismos: Convergências (in)disciplinares. Brasília: Editora ExLibris, 2010.

CARVALHO, Maria Eulina et al. Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1979.

LOURO, G. Gênero, sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2000.

PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano 2020. A próxima fronteira O desenvolvimento humano e o Antropoceno. New York, USA, 2020.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, p.71-99.

TELES, M. A. de A. MELO, Mônica de. O que é Violência Contra a Mulher. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.